

# inocência mortal

j. d. robb

Tradução de Patrícia Xavier

*Um professor afeta a eternidade;  
nunca sabe onde termina a sua influência.*

HENRY ADAMS



*Tão inocente como um ovo acabado de pôr.*

W. S. GILBERT



## C A P Í T U L O 1



Os testes-surpresa eram mortíferos. Como assassinos emboscados, causavam medo e aversão à presa, e davam ao caçador uma sensação de poder inebriante.

Craig Foster tinha o teste quase pronto e estava prestes a fazer uma pausa para almoçar. Sabia como a sua turma de História dos EUA do quinto tempo letivo iria reagir: queixumes e arquejos, caretas de infelicidade ou pânico. Craig compreendia bem os seus alunos. Aos vinte e seis anos, não estava assim tão distante dos tempos de escola para ter esquecido o sofrimento ou a ansiedade.

Pegou na lancheira térmica. Sabia que a sua mulher, sendo uma criatura de hábitos, lhe teria colocado na lancheira uma sandes, alguns fritos de soja, uma maçã e o seu chocolate quente preferido — não era maravilhoso estar casado?

Craig nunca lhe pedia para lhe preparar o almoço, ou para se certificar de que as suas meias estavam lavadas e dobradas aos pares e arrumadas no lado direito da sua gaveta de cima. Mas ela dizia que gostava de lhe fazer essas pequenas coisas. Os sete meses de casamento tinham sido os melhores da vida de Craig. E, antes disso, a vida também não lhe correrá mal, disse para consigo.

Tinha uma profissão que adorava, e era bom no que fazia, pensou, com um acesso de orgulho. Ele e Lissette tinham um apartamento muito

razoável a uma distância da escola que lhe permitia fazer o trajeto a pé. Os seus alunos eram inteligentes e interessantes — e, para juntar o útil ao agradável, gostavam dele.

Iam resmungar um pouco e ficar nervosos por causa do teste-surpresa, mas haviam de se sair bem.

Antes de voltar ao trabalho, enviou um *e-mail* à mulher.

*Olá, Lissy! E se eu hoje à noite comprasse aquela sopa de que tu gostas, mais a salada grande, a caminho de casa? Sinto a tua falta. Amo cada pedacinho de ti!  
Tu sabes quem.*

Sorriu, pensando que o *e-mail* havia de a fazer sorrir também. Depois, voltou ao teste. Olhando para o ecrã do computador, serviu-se de uma primeira chávena de chocolate quente e pegou na sandes de derivados de soja que faziam as vezes de fatias de peru.

Havia tanto a ensinar, tanto a aprender. A história do país era rica, diversificada e dramática, repleta de tragédia, comédia, romance, heroísmo, covardia. Craig queria transmitir tudo isso aos seus alunos, fazê-los ver como o país e o mundo em que viviam tinham chegado àquilo que eram naqueles primeiros meses de 2060.

Comeu, acrescentou algumas perguntas ao teste, apagou outras. E foi bebendo o seu chocolate quente preferido, enquanto uma neve macia caía do outro lado da janela da sala de aula.

Enquanto a breve história da sua vida se aproximava, minuto a minuto, do fim.

As escolas punham-na nervosa. Era um pouco humilhante para uma polícia determinada e valentona, mas tinha de o admitir, nem que apenas para si própria. Era a verdade. A tenente Eve Dallas, possivelmente a melhor inspetora da Divisão de Homicídios da Polícia de Nova Iorque, antes queria percorrer um edifício abandonado em busca de um criminoso psicótico sob o efeito de Zeus do que caminhar pelos corredores antigos daquela escola de classe média-alta, Sarah Child Academy.

Apesar das cores primárias vivas nas paredes e no chão, e do vidro

brilhante das janelas, aquele lugar era, para Eve, apenas mais uma câmara de tortura.

Ao longo do labirinto, a maioria das portas estava aberta, e as salas encontravam-se vazias, à exceção de carteiras, bancadas, ecrãs, quadros.

Eve estudou por um momento a diretora Arnette Mosebly, uma mulher robusta, de constituição imponente, com cerca de cinquenta anos. Mestiça, tinha uma pele cor de caramelo, olhos de um azul enevoado e um cabelo preto e brilhante que formava uma densa bola de caracóis. Usava uma saia preta comprida e um casaco vermelho curto, e o ruído dos seus saltos práticos ressoava ao longo do corredor do segundo andar.

— Onde estão os miúdos? — perguntou Eve.

— Reuni-os no auditório, até os pais ou tutores poderem vir buscá-los. A maioria do pessoal também lá está. Achei conveniente, e mais respeitoso, também, cancelar as aulas da tarde.

Parou a alguns metros de uma porta fechada, guardada por um polícia de uniforme.

— Tenente, esta é uma situação verdadeiramente trágica para nós, e para as crianças. O Craig... — A diretora cerrou os lábios, desviou o olhar. — Era jovem, inteligente, entusiástico. Tinha a vida inteira pela frente, e... — interrompeu-se, erguendo uma mão e tentando recompor-se. — Compreendo que isto seja necessário... quero dizer, ter a Polícia envolvida em situações deste tipo. Mas espero que sejam tão discretos e eficientes quanto possível. E pedia-lhe que esperassem para... para transportar o corpo, até todos os alunos terem saído do edifício.

Mosebly endireitou os ombros.

— Não sei como pode aquele jovem ter ficado tão doente. Porque terá vindo trabalhar hoje, se estava indisposto? A mulher dele... casaram há poucos meses... ainda não a contactei. Não sabia se...

— Nós encarregamo-nos disso. Peça-lhe que nos dê alguns minutos.

— Sim. Sim, claro.

— Peabody, vamos gravar — disse Eve à sua parceira. Anuiu para o guarda, que se afastou.

Eve abriu a porta e parou à soleira. Era uma mulher alta, magra, com um cabelo castanho escadeado, e uns olhos também castanhos, que agora observavam a cena com uma expressão calma e desapaixonada. Com movimentos ágeis, tirou uma lata de *Seal-It* do seu *kit* de material, e protegeu as mãos e as botas.

Em quase doze anos de serviço, vira muito pior do que o

infeliz professor de História caído no chão, numa poça de vomitado e excrementos.

Eve referiu a hora e o local, para que constasse no registo.

— Os paramédicos responderam à chamada do 112, tendo chegado ao local às 14h16. A vítima, identificada como Foster, Craig, foi declarada sem vida às 14h19.

— Tivemos sorte com os paramédicos. Não deslocaram o corpo — comentou Peabody. — Pobre desgraçado.

— A almoçar à secretária? Um sítio como este deve ter uma sala de professores, um bar, algo desse estilo. — Ainda à porta da sala, Eve pôs a cabeça de lado. — Derrubou esta garrafa térmica enorme, a cadeira.

— Não há sinais de confronto. Tem mais aspeto de ataque cardíaco. — Peabody deu uma volta à sala, com as suas *airboots* a chiar ligeiramente. Inspeccionou as janelas. — Trancadas. — Posicionou-se de modo a observar a secretária e o corpo daquele lado da sala.

Embora fosse robusta como Arnette Mosebly, Peabody não tinha uma constituição imponente. O seu cabelo escuro dava-lhe agora por baixo da nuca e tinha as pontas levantadas, num penteado insinuante, a que Eve ainda não se habituara.

— Estava a comer enquanto trabalhava — disse Peabody. — A planificar aulas ou a corrigir trabalhos. Uma reação alérgica a alguma coisa que comeu, talvez.

— Oh, sim, é o que parece. — Eve aproximou-se do corpo, agachou-se. Ia retirar as impressões digitais, proceder à habitual verificação da hora da morte, tudo o resto, mas, por um momento, limitou-se a observar o morto.

Derrames de sangue, como pernas de aranha, raiavam-lhe o branco dos olhos. Vestígios de espuma e de vomitado escorriam-lhe dos lábios.

— Tentou rastejar — murmurou Eve. — Tentou rastejar para a porta. Consulta a ficha de identificação dele, Peabody, e verifica a hora da morte.

Endireitando-se, Eve rodeou cuidadosamente as poças daquilo que o corpo de Craig expulsara, e pegou na garrafa térmica, que tinha, na tampa que servia de chávena, o nome dele gravado a prata sobre o fundo preto. Cheirou o conteúdo.

— Achas que alguém envenenou o tipo? — perguntou Peabody.

— Chocolate quente. E mais alguma coisa. — Eve colocou a garrafa num saco de provas. — A cor do vomitado, indícios de ataque cardíaco, aflição extrema. Sim, estou a pensar em veneno. O médico-legista há de

confirmar. Precisamos de autorização da família para consultar o historial médico dele. Examina o local. Vou falar novamente com a Mosebly e chamar as testemunhas.

Eve saiu da sala. Arnette caminhava de um lado para o outro no corredor, com um minicomputador portátil na mão.

— Diretora Mosebly? Vou ter de lhe pedir que não contacte ninguém, que não fale com ninguém por agora.

— Oh... eu... na verdade, estava só... — Virou o miniecrã para Eve. — Jogo de palavras. Precisava de ocupar a mente com alguma coisa. Tenente, estou preocupada com a Lissette. A mulher do Craig. Ela tem de saber.

— E vai saber. Para já, gostava de falar consigo, em privado. E vou precisar de falar com as alunas que encontraram o corpo.

— A Rayleen Straffo e a Melodie Branch. O agente que respondeu à chamada disse que elas não podiam sair do edifício e que tinham de ser separadas. — Os seus lábios apertaram-se numa óbvia expressão de censura. — Aquelas raparigas sofreram um trauma, tenente. Ficaram histéricas, como seria de esperar nestas circunstâncias. Tenho a Rayleen com o conselheiro para o luto, e a Melodie com a nossa enfermeira. Os pais deviam estar com elas.

— Informou os pais.

— A tenente tem o seu procedimento a seguir, eu tenho o meu — disse, com um daqueles acenos de cabeça majestosos que, pensou Eve, deviam ser um requisito do Curso de Diretores. — A minha prioridade é a saúde e a segurança dos nossos alunos. Estas raparigas têm dez anos, e deparam-se com *aquilo*. — Apontou o queixo para a porta. — Sabe Deus o mal que isso lhes fez, emocionalmente.

— O Craig Foster também não está em grande forma.

— Tenho de fazer o que é necessário para proteger estas crianças. A minha escola...

— Neste momento, não é a sua escola. É o meu local do crime.

— Local do crime? — Arnette empalideceu. — Que quer dizer com isso? Que crime?

— Isso é o que vou descobrir. Quero falar com as testemunhas, uma de cada vez. O seu gabinete será, provavelmente, o melhor lugar para as entrevistas. Um dos pais ou outro responsável pela criança pode assistir à conversa.

— Entendido. Bem, venha comigo.

— Agente? — Eve olhou por cima do ombro. — Diga à inspetora Peabody que vou para o gabinete da diretora.

Ele franziu os lábios, só um pouco.

— Sim, tenente.

Era muito diferente, descobriu Eve, estar a dirigir os acontecimentos, em vez de estar metida em sarilhos. Não que tivesse tido problemas de disciplina nos seus tempos de estudante, recordou-se. Basicamente, tentara ser invisível, chegar ao fim e sair da prisão educativa no dia em que a lei lho permitisse.

Mas nem sempre conseguira. As respostas impertinentes e uma atitude insolente tinham emergido com frequência bastante para lhe causar dissabores.

Era suposto sentir-se grata por aquilo que o Estado, tendo-a à sua guarda, lhe oferecia — educação, um teto, comida suficiente para se manter viva. Era suposto sentir-se grata por ter roupa em cima do corpo, embora outras pessoas a tivessem usado primeiro. Era suposto querer tornar-se melhor, o que fora difícil, visto que não se lembrava claramente de onde viera.

Do que se lembrava, acima de tudo, era dos sermões em tom arrogante, dos olhares decepcionados que não escondiam uma atitude superior.

E daquele tédio terrível, infinito, que se sobrepunha a tudo.

Claro que não frequentara escolas finas, com equipamento moderno, salas imaculadas, uniformes elegantes e um professor para cada seis alunos.

Eve apostava um mês de ordenado em como a Sarah Child Academy não tinha lutas nos corredores, nem bombas caseiras nos cacifos.

Mas hoje tinha, pelo menos, um homicídio.

Enquanto aguardava no gabinete de Mosebly, onde plantas e bules de chá criavam um ambiente acolhedor, Eve fez uma pesquisa rápida sobre a vítima.

Foster, Craig, vinte e seis anos de idade. Registo criminal limpo. Ambos os pais vivos, e ainda casados um com o outro. Viviam em Nova Jérsia, onde Craig nascera e fora criado. Estudara na Universidade de Columbia com uma bolsa parcial, obtivera o seu diploma de professor, e estava a tirar o mestrado em História.

Casara com Bolviar, Lissette, em julho do ano anterior.

Observando a fotografia na ficha de identificação, Eve achou-o viçoso e entusiástico. Um jovem atraente, com uma pele da cor de castanhas assadas. Olhos escuros, profundos, e um cabelo também escuro, cortado rente nos lados e atrás, e com uma espécie de poupa.

À semelhança do penteado, Eve lembrava-se, também os sapatos eram modernos. Uns ténis abotinados com sola de gel, em preto e prateado. Caros. Mas o casaco desportivo era de um castanho-terra, coçado nos punhos. Uma unidade de pulso razoável, que Eve julgou ser uma imitação. E uma aliança de ouro brilhante no dedo anelar da mão esquerda.

Eve calculou que Peabody, ao examinar a cena do crime, encontraria menos de cinquenta créditos nos bolsos de Craig.

Tomou algumas notas rápidas.

*De onde viera o chocolate quente?*

*Quem tivera acesso à garrafa térmica?*

*Sala de aula partilhada?*

*Cronologia. Última pessoa a ver a vítima com vida, pessoa que encontrara o corpo.*

*Seguros de vida? Beneficiários?*

Ergueu o olhar quando a porta se abriu.

— Tenente? — Mosebly entrou no gabinete, uma mão pousada no ombro de uma rapariga de pele branca com sardas, que combinavam com o seu cabelo cor de cenoura. Este era comprido e estava penteado num rabo de cavalo lúcido. Com o seu *blazer* azul-marinho e as calças de caqui imaculadas, parecia franzina e delicada, e estava a tremer.

— Melodie, esta é a tenente Dallas, da Polícia. Ela precisa de falar consigo. Tenente Dallas, apresento-lhe a mãe da Melodie, Angela Miles-Branch.

A miúda tinha o cabelo e a pele da mãe, notou Eve. E a mãe estava tão trémula como a filha.

— Tenente, será que podemos deixar esta conversa para amanhã? — Angela segurava a mão de Melodie com força. — A minha filha não se está a sentir bem. Como é natural.

— Será mais fácil para toda a gente se falarmos agora. Não demorará muito. Diretora Mosebly, se nos dá licença.

— Julgo que devo estar presente, como responsável pela escola e como representante da Melodie.

— Neste momento, não é necessária a presença de um responsável da instituição, e a mãe da menor vai assistir à entrevista como sua representante. Vou pedir-lhe que saia.

Mosebly parecia disposta a protestar, mas apertou os maxilares, e saiu da sala.

— Não queres sentar-te, Melodie?

Duas lágrimas grossas caíram daqueles grandes olhos azuis e rolaram pela cara da rapariga.

— Sim, minha senhora. Mãe?

— Estou mesmo aqui. — Sem largar a mão da filha, Angela sentou-se ao seu lado. — Isto foi terrível para ela.

— Entendido. Melodie, vou gravar a nossa conversa.

Com o aceno de cabeça vieram mais duas lágrimas silenciosas. Eve perguntou-se por que raio não ficara a examinar o local do crime e não deixara Peabody encarregar-se das miúdas.

— Gostava que me contasses o que aconteceu.

— Entrámos na sala do professor Foster... hum, eu e a Rayleen. Batemos antes de entrar, porque a porta estava fechada. Mas o professor Foster não se importa, quando precisamos de falar com ele.

— E vocês precisavam de falar com o professor.

— Sobre o projeto. Eu e a Ray estamos a trabalhar juntas. O nosso projeto é uma reportagem multimédia sobre a Declaração de Direitos. Tem de estar pronto daqui a três semanas, e é o trabalho mais importante do segundo período. Tem um peso de vinte e cinco por cento na nota. Queríamos que ele visse a primeira versão. Ele não se importa quando lhe fazemos perguntas antes ou depois das aulas.

— Certo. Onde estavam antes de irem à sala do professor Foster?

— Fomos almoçar e depois tivemos hora de estudo. Eu e a Ray pedimos à professora Hallywell que nos deixasse sair uns minutos mais cedo para irmos falar com o professor Foster. Tenho aqui a autorização.

Levou a mão ao bolso.

— Deixa estar. Então, entraram na sala.

— Íamos entrar. Estávamos a conversar, e abrimos a porta. Cheirava muito mal. Foi o que eu disse. Disse: «Caramba, que pivete que está aqui.»

— Melodie começou a chorar. — Quem me dera não ter dito aquilo, mas...

— Não faz mal. O que aconteceu depois?

— Vi-o. Vi-o no chão, no meio de... oh, Deus, vomitado e tudo o

resto. E a Ray gritou. Ou eu gritei. Acho que gritámos as duas. E corremos dali para fora, e o professor Dawson apareceu e perguntou-nos o que se passava. Disse-nos para ficarmos no corredor e foi até à sala. Entrou. Eu vi-o entrar. E ele saiu muito depressa, com a mão assim.

Melodie tapou a boca com a mão.

— Usou o intercomunicador, acho eu, para ligar à diretora Mosebly. E depois a diretora Mosebly apareceu e chamou a enfermeira. E a enfermeira Brennan veio e levou-nos para a enfermaria. Ficou lá connosco, até o professor Kolfax chegar e levar a Ray. Eu fiquei com a enfermeira Brennan até a minha mãe chegar.

— Viram mais alguém entrar ou sair da sala do professor Foster?

— Não, minha senhora.

— Quando vinham da hora de estudo para a sala de aula, cruzaram-se com alguém?

— Hum. Desculpe. Hum. O senhor Bixley vinha a sair da casa de banho dos rapazes, e passámos pelo professor Dawson no caminho. Mostrámos-lhe a autorização. Acho que não vimos mais ninguém, mas não estava a prestar atenção.

— Como sabiam que o professor Foster estaria na sala?

— Oh, ele está sempre na sua sala antes do quinto tempo às segundas-feiras. É lá que almoça sempre, às segundas-feiras. E nos últimos quinze minutos recebe alunos, quando precisamos de lhe falar. Até nos recebe mais cedo, se for importante. É tão simpático. Mãe.

— Eu sei, querida. Tenente, por favor.

— Estamos quase a terminar. Melodie, tu ou a Rayleen tocaram no professor, ou em qualquer outra coisa dentro da sala?

— Oh, não, não. Fugimos. Foi horrível, fugimos logo.

— Está bem. Melodie, se te lembrares de mais alguma coisa, qualquer pormenor que seja, tens de me contar.

A criança pôs-se de pé.

— Minha senhora? Tenente Dallas?

— Sim?

— A Rayleen disse, quando estávamos na enfermaria, a Rayleen disse que têm de levar o professor Foster dentro de um grande saco. É verdade? Têm de fazer isso?

— Oh, Melodie. — Angela voltou a filha para si e apertou-a nos braços.

— Agora, nós vamos cuidar do professor Foster — disse Eve. — É

meu dever cuidar dele, e é o que vou fazer. Falares comigo ajuda-me a fazer o meu trabalho, ajuda-me a cuidar dele.

— A sério? — Melodie fungou, suspirou. — Obrigada. Agora quero ir para casa. Posso ir para casa?

Eve encontrou os olhos inundados da rapariga, anuiu, depois desviou o olhar para a mãe. — Entraremos em contacto. Agradeço a vossa colaboração.

— Isto foi muito difícil para as miúdas. Muito difícil. Anda, querida. Vamos para casa.

Angela pôs o braço sobre os ombros de Melodie e saíram da sala. Eve levantou-se e seguiu-as até ao corredor, onde Mosebly já vinha ao encontro delas.

— Diretora Mosebly? Uma palavra.

— Vou só acompanhar a senhora Miles-Branche e a Melodie à saída.

— De certeza que elas sabem o caminho. No seu gabinete.

Desta vez, Eve não se deu ao trabalho de se sentar, limitando-se a apoiar-se na secretária. Mosebly seguiu-a, visivelmente irritada, punhos cerrados junto ao corpo.

— Tenente Dallas, embora compreenda que tem uma função a cumprir, não deixo de ficar chocada com a sua atitude indiferente e arrogante.

— Sim, já percebi. O professor Foster tinha o hábito de trazer o seu almoço e as suas bebidas para o trabalho?

— Julgo... Julgo que sim. Pelo menos em alguns dias por semana. Temos um bar certificado por uma nutricionista, claro. E máquinas de venda automática aprovadas pelo Estado. Mas muitos funcionários preferem trazer as suas refeições, pelo menos ocasionalmente.

— Ele costumava almoçar sozinho? À secretária?

Mosebly friccionou a testa com o polegar e o indicador.

— Tanto quanto sei, comia na sua sala de aula dois ou três dias por semana. O trabalho de um professor envolve muito mais do que as horas letivas. É preciso planificar, avaliar, fazer leituras, preparar aulas teóricas e práticas. O Craig, como muitos dos nossos professores, estava também a prosseguir os seus estudos, o que requer tempo de investigação e escrita, e por aí fora. Almoçava à secretária para poder trabalhar enquanto comia. Era um professor empenhado.

A irritação desaparecera da voz de Mosebly.

— Ele era jovem e idealista. Adorava ensinar, tenente Dallas, e isso via-se no seu trabalho.

— Ele tinha problemas com alguém?

— Que eu saiba, não. Era um jovem simpático, de temperamento fácil. Sinto que, tanto num nível pessoal como profissional, tínhamos muita sorte em contar com ele no nosso pessoal docente.

— Despediu alguém nos últimos tempos?

— Não. A rotatividade na Sarah Child Academy é baixíssima. O Craig estava no seu segundo ano letivo connosco. Preencheu uma vaga deixada por um professor que se reformou ao fim de cinquenta anos de serviço. Vinte e oito dos quais foram passados aqui, na Sarah Child.

— E a senhora? Há quanto tempo está aqui?

— Três, como diretora. Tenho vinte e cinco anos de serviço, no ensino e na administração.

— Quando viu o professor Foster pela última vez?

— Vi-o por breves momentos esta manhã. — Enquanto falava, Mosebly dirigiu-se para um minifrigorífico, de onde tirou uma garrafa de água. — Ele costumava chegar cedo, para usar as nossas instalações. Os professores têm permissão para usar as máquinas, os programas, a piscina, e por aí fora. O Craig fazia uso deste privilégio quase todas as manhãs.

Suspirou, enchendo um pequeno copo.

— Quer um pouco de água, tenente?

— Estou bem assim.

— Eu também fui nadar esta manhã, e estava mesmo a sair da piscina quando ele chegou. Cumprimentámo-nos. Eu queixei-me do trânsito, e segui caminho. Estava com pressa. Ainda o ouvi mergulhar — murmurou, depois bebeu um gole vagaroso de água. — Ouvi-o mergulhar quando estava a abrir a porta do vestiário. Oh, Deus.

— A que horas foi isso?

— Por volta das sete e meia. Tinha uma videoconferência às oito horas, e estava a ficar atrasada, porque me tinha demorado demasiado na piscina. Estava irritada comigo própria e mal falei com o Craig.

— Onde é que ele deixava o almoço?

— Bem, na sua sala de aula, suponho. Talvez na sala de professores, mas não me recordo de alguma vez o ter visto pôr ou tirar alguma coisa do frigorífico ou do armário.

— A sala de aula estaria trancada?

— Não. A escola tem um sistema de segurança, naturalmente, mas as salas de aula não estão trancadas. Não faz sentido, e o programa da instituição baseia-se na confiança e na responsabilidade.

— Estou a ver. Pode chamar a segunda testemunha. Rayleen Straffo. Mosebly anuiu, mas desta vez o aceno nada tinha de majestoso.

— E os restantes alunos? O pessoal?

— Vamos interrogar todos os funcionários antes de saírem das instalações. Pode dispensar os alunos, mas vou precisar da lista com os seus nomes.

— Muito bem.

Quando ficou sozinha, Eve tirou o seu comunicador para falar com Peabody.

— Ponto da situação.

— O corpo está neste momento a ser transportado. O médico-legista de serviço concorda com a tua avaliação de envenenamento, mas não se quer comprometer antes da autópsia. Os peritos forenses estão no local. Parece que a vítima estava ao computador quando morreu. A preparar um teste-surpresa para a sua aula seguinte.

— Aí está um motivo — disse Eve, secamente.

— Eu odiava os testes-surpresa e duvido que sejam constitucionais. Dei uma vista de olhos ao computador e descobri que a vítima enviou um *e-mail* para LFoster@Blackburnpub.com às 12h06 de hoje. Nenhuma comunicação enviada ou recebida antes disso.

— A mulher dele chama-se Lissette. Conteúdo?

— Só uma mensagem carinhosa, a oferecer-se para comprar o jantar a caminho de casa. Ela respondeu no mesmo tom, na afirmativa, às 14h48. Ele não chegou a ler a resposta.

— Bem, estou à espera da segunda testemunha. Vou enviar a diretora para aí, pedir-lhe que te instale num sítio qualquer. Começa a entrevistar o pessoal e regista a sequência cronológica em cada caso. Também vou entrevistar alguns funcionários e professores, depois de falar com a miúda. Entretanto, toma nota da morada e do local de trabalho da mulher dele. Vamos comunicar-lhe o sucedido quando sairmos daqui.

— E o divertimento não acaba.

Eve desligou quando a porta se tornou a abrir, e Mosebly entrou, mais uma vez, com a mão no ombro de uma rapariguinha.

Esta era loura, com uma cascata de caracóis que uma fita violeta mantinha afastados da cara. A fita combinava com os olhos dela. De momento, os olhos estavam inchados, orlados de vermelho, no rosto de pele suave com um nariz ligeiramente arrebicado. A boca, rosada e com uma expressão de amuo, tremia.

Usava um uniforme igual ao de Melodie, com uma pequena estrela dourada presa à lapela do *blazer*.

— Rayleen, esta é a tenente Dallas. Tenente, a Rayleen está acompanhada do pai, Oliver Straffo. Estou lá fora, se precisarem de mim.

— Podes sentar-te, Rayleen.

— Tenente. — Oliver não largou a mão da filha. A sua voz ressoou no gabinete, como a de um bom ator num teatro. Era um homem alto, louro como a filha. Mas os seus olhos eram de um cinzento metálico, frio. Eve já vira aqueles olhos antes. No tribunal.

Um advogado de renome, influente e rico, pensou ela.

Raios.

## C A P Í T U L O 2



— Vou consentir nesta entrevista — começou ele —, aqui e agora, porque julgo que é o melhor para o bem-estar emocional da minha filha. Contudo, se não gostar do tom ou do conteúdo, ponho fim à conversa e levo a minha filha para casa. Entendido?

— Claro. Eu ia usar os instrumentos de tortura, mas não sei onde os deixei. Vamos sentar-nos. Rayleen, só preciso que me contes o que aconteceu.

Rayleen olhou primeiro para o pai, que anuiu. Depois sentou-se, e Oliver fez o mesmo, com uma postura admirável.

— Encontrei o professor Foster. A Melodie estava comigo. Foi horrível.

— Explica-me como o encontraram. Como chegaram à sala de aula àquela hora.

— Sim, minha senhora. — Rayleen respirou fundo, como se se preparasse para uma prova oral. — Eu estava no estudo acompanhado, mas queria falar com o professor Foster sobre o projeto em que estou a trabalhar com a Melodie. Vale um quarto da nossa nota de História dos EUA no segundo período, e eu queria ter a melhor classificação possível. Sou a melhor aluna do meu ano, e este é um dos trabalhos mais importantes deste período.

— Certo, então saíste do estudo acompanhado e foste mais cedo para a sala do professor Foster.

— Sim, minha senhora. A professora Hallywell deu-nos autorização. O professor Foster almoça sempre na sala às segundas-feiras, e deixa os alunos entrarem quinze minutos mais cedo para falarem com ele, se for preciso.

— A que horas saíste do estudo acompanhado?

— Tenho aqui a autorização. A hora está registada. — Mais uma vez, olhou para o pai, à espera da sua permissão, depois mostrou o papel a Eve. — A Melodie também tem uma. É uma regra da escola. Diz aqui 12h47.

Eve memorizou a hora, para depois calcular o tempo que as raparigas levariam a chegar à sala.

— Foram diretamente para a sala de aula.

— Oh, sim, minha senhora. Andar a passear pelos corredores entre as aulas é uma infração, e três infrações num período de trinta dias resultam numa perda de privilégios. — O tom afetado em que falou lembrou a Eve que Rayleen era precisamente o tipo de rapariga que ela se esforçara por evitar na prisão que era a escola. — Não tenho infrações no meu registo.

— Ainda bem para ti. Quanto tempo demoraram a ir de uma sala à outra?

— Oh, não pode ter sido mais de dois minutos. Três? Não sei ao certo, mas fomos logo para lá. Aproveitámos para falar sobre o projeto, sobre algumas ideias. A porta estava fechada, por isso batemos e só depois entrámos. E cheirava mal. A vomitado, acho eu. A Melodie disse alguma coisa sobre o cheiro, e... — Apertou os lábios. — Eu ri-me. Lamento. Eu não sabia, papá, não sabia.

— Não faz mal, Ray. Claro que não sabias.

— Foi então que o vimos. Ele estava ali deitado, e... — Deu dois soluços, depois arrastou-se da cadeira para o colo do pai.

— Já passou, querida. Está tudo bem, Ray. — Os olhos de Oliver fixaram-se nos de Eve como um *laser*, enquanto ele aflagava o cabelo da filha. — Tenente.

— Sabe que preciso de terminar isto. Sabe que é essencial eu conhecer os pormenores tão cedo quanto possível.

— Não sei mais nada — disse Rayleen, numa voz abafada, pressionando a cara contra o peito do pai. — Corremos dali para fora, e o professor Dawson apareceu e disse-nos para ficarmos onde estávamos. Sentei-me, acho eu. Acho que me sentei no chão, e estávamos as duas

a chorar e o professor Dawson voltou. Tinha as mãos a tremer quando pegou no intercomunicador e ligou para a diretora Mosebly.

— Viste mais alguém entrar ou sair da sala?

— Acho que... sim, acho que vi o senhor Bixley sair da casa de banho dos rapazes. Tinha a caixa das ferramentas, porque um dos laboratórios estava entupido. Isso foi antes, antes de passarmos pelo professor Dawson e de lhe mostrarmos as autorizações. Eu entrei primeiro, fui eu que entrei à frente na sala. Fui a primeira a vê-lo.

Levantou a cara molhada pelas lágrimas.

— Nem consigo acreditar que o professor Foster morreu. Não posso acreditar. Era o meu professor favorito.

Com os ombros a tremer, Rayleen continuava agarrada ao pai.

— De certeza que não precisa de mais nada dela — disse Oliver em voz baixa. — Vou levá-la para casa.

— Se ela se recordar de mais alguma coisa...

— Se ela se recordar, eu entro em contacto consigo.

Pôs-se de pé e, levando a filha, saiu da sala.

Eve começou por chamar Eric Dawson. Era professor de Ciências, teria uns cinquenta e cinco anos, e dava aulas no colégio havia quinze. Tinha um pouco de barriga, e como a camisa lhe ficava apertada naquela zona, Eve achou que ele devia estar em negação. O seu cabelo alourado estava a ficar um pouco grisalho nas têmporas, e os olhos castanho-claros tinham papos de fadiga.

— Não entrei na sala — disse ele a Eve. — Não mais do que um passo ou dois. Percebi... Qualquer um podia ver que o Craig estava morto. Quando ouvi os gritos, fiquei irritado com as raparigas. Julguei que tivessem visto uma aranha, ou outra tolice qualquer. — Fez uma pausa, passou uma mão pela cara. — Mas quando as vi... Nem raparigas tolas ficam naquele nível de histeria por causa de uma aranha.

— Viu mais alguém, sem ser as duas raparigas?

— Tinha acabado de deixar o Dave Kolfax e o Reed Williams na sala de professores. Almoçámos juntos, como fazemos às vezes. E cruzei-me com a Leanne Howard, que estava a chegar. Eu ia para o laboratório de química, preparar a aula seguinte.

— Quando foi a última vez que viu o Craig Foster com vida?

— Oh, Deus. Deus. Na sala de professores, antes das aulas, esta

manhã. Eu estava a tomar um café, e o Craig tirou uma *Pepsi* da máquina. Não bebia café. Eu costumava meter-me com ele por causa disso. Falámos um pouco a respeito de um aluno que tínhamos em comum, o Bradley Curtis. Os pais do miúdo estão a divorciar-se e as notas dele começaram a baixar. Concordámos que estava na altura de marcar uma reunião com os pais e com um psicólogo. Depois, ah, o Reed entrou. Sim, para tomar café. Quando saí, eles estavam a falar sobre um filme de ação qualquer que viram recentemente. Não voltei a encontrá-lo até...

— Como se davam?

— Eu e o Craig? Eu gostava bastante dele. Bastante — repetiu, em voz baixa. — Na verdade, não estava muito convencido quando ele veio para cá, no ano passado. Era tão jovem... o membro mais novo do pessoal docente. Mas ele compensava uma certa inexperiência com entusiasmo e dedicação. Preocupava-se muito com os alunos. Devia estar doente sem saber. Só podia estar doente. Para morrer assim. É inconcebível.

Todos os outros professores com quem Eve falou fizeram eco daquele sentimento. Eve terminou as entrevistas com Reed Williams, do departamento de Inglês.

Williams não tinha barriga, notou ela. A avaliar pela sua constituição atlética, devia tirar partido das instalações desportivas da escola. O seu cabelo era de um castanho intenso, com matizes dourados para simular o efeito do sol. O seu maxilar quadrangular dividia-se devido a uma fenda pronunciada por baixo da boca firme. Os olhos, de um verde-garrafa penetrante, eram realçados por pestanas densas e escuras.

Reed tinha trinta e oito anos, era solteiro, e usava um fato que, calculou Eve, lhe devia ter custado uma boa parte do ordenado.

— Vi-o esta manhã, no ginásio. Estava a fazer exercício quando entrei. Não gosto de falar quando estou a treinar, por isso... bem, cumprimentámo-nos só com um aceno de cabeça. Estivemos lá cerca de vinte minutos juntos, talvez. Ele saiu, disse-me adeus. O Craig costumava nadar depois do treino de ginásio. Eu ainda lá fiquei uns dez minutos. Depois tomei um duche, vesti-me. Voltei a vê-lo na sala de professores, com o Eric. O Eric Dawson.

— O Craig Foster tinha alguma coisa consigo?

— Alguma coisa? Não, só uma *Pepsi*. Falámos um pouco sobre filmes, depois fomos dar aula. Ainda me cruzei com ele na casa de banho. — Williams sorriu, e uma covinha formou-se-lhe na bochecha esquerda, a combinar com a cova do queixo. — Trocámos aquele «tudo bem?»,

como no ginásio. Acho que isto foi por volta das onze. Um pouco antes. As aulas começam à hora certa, e eu não estava atrasado.

— Como se dava com ele?

— Bem. Dávamo-nos bem.

— Gostavam ambos de filmes de ação. Conviviam socialmente?

— De vez em quando, sim. Fui ao casamento dele no ano passado... quase todos os professores foram. Tomámos uma cerveja juntos algumas vezes. — Encolheu os ombros. — Não éramos os melhores amigos, mas dávamo-nos bem. A Mirri conhecia-o melhor, socialmente.

— A Mirri?

— Hallywell. Departamento de Inglês, Expressão Dramática. Encontravam-se fora da escola.

— Na sua vida social.

— Sim. — Voltou a sorrir, com uma expressão insinuante. — Têm sempre encontro marcado nas noites de quarta-feira. Para estudarem.

Depois de terminar as entrevistas iniciais, Eve ligou de novo para Peabody.

— Bixley?

— Hernando M., manutenção. Estava a tratar de um problema de canalização na casa de banho dos rapazes, no mesmo corredor do local do crime. Passou pelas duas testemunhas e pelo Dawson quando vinha a sair.

— Pareceu-te suspeito?

— Não. Tem quase setenta anos, trabalha aqui há doze. Os seus dois netos frequentam o colégio, graças ao desconto a que ele tem direito como funcionário. Parece um tipo decente.

— Hallywell.

— Mirri C. Acabei de falar com ela há quinze minutos. É do departamento de Inglês, é responsável pelo Clube de Expressão Dramática e encena as peças da escola. Vou agora entrevistar a última pessoa na minha lista. Descobriste alguma coisa sobre a Hallywell? Também não a achei suspeita.

— Queria falar um pouco com ela. Se ainda cá estiver, encontro-a. Vem ter comigo quando terminares.

— Estava bastante abalada, a Hallywell. Tenta as casas de banho. Fiquei com a ideia de que ia precisar de se recompor antes de se ir embora.

Seguindo o conselho de Peabody, Eve dirigiu-se para a casa de banho mais próxima da sala onde Peabody estava a fazer as suas entrevistas. A porta requeria um cartão de acesso; Eve usou o seu cartão-mestre.

E encontrou uma mulher sentada no chão, à frente dos lavatórios, a chorar.

— Mirri Hallywell.

— Sim. Sim. — Reprimiu um soluço, fungou, enxugou a cara com um lenço de papel. Tinha as faces manchadas do choro, os olhos azul-claros inchados. Usava o cabelo escuro brutalmente curto e pequenas argolas de prata nas orelhas.

— Desculpe. É da Polícia? Já falei com uma inspetora.

— A minha parceira. Sou a tenente Dallas. Preciso de lhe fazer mais algumas perguntas.

— Oh, Deus, oh, Deus. Não sei o que fazer. Não sei o que dizer.

Eve agachou-se.

— É muito difícil quando um colega morre, assim, de repente.

— É horrível. Não éramos só colegas. Éramos amigos. Bons amigos.

Isto parece impossível.

— Quão bons amigos?

Mirri deixou a cabeça cair para trás.

— Isso é uma coisa terrível de se insinuar, uma coisa terrível de se pensar a respeito de alguém como o Craig. Alguém que já não pode falar por si.

— Eu falo por ele, agora. É isso que eu faço.

— Então, se vai falar por ele, fique a saber que o Craig amava a sua mulher. Amavam-se um ao outro. Invejo isso, o que eles tinham. Também sou amiga dela. Sou amiga dela, e não sei como ajudá-la a passar por isto.

— A Mirri e o Craig encontravam-se todas as semanas, fora da escola.

— Estudávamos juntos às quartas-feiras. — Os seus olhos destroçados incendiaram-se. — Por amor de Deus, é a isto que tudo se resume, para vocês?

— Se era uma relação inocente, porquê irritar-se? — contrapôs Eve.

— Porque ele morreu. Ele morreu.

Respirou, estremecendo.

— Estávamos ambos a tirar o mestrado. Costumávamos ir para a biblioteca ou para um café, e estudávamos juntos durante umas duas horas. Às vezes, tomávamos uma cerveja depois. Vamos sair... oh, Deus, íamos sair amanhã, íamos ao cinema. O Craig e a Lissy, eu e um tipo que eles me apresentaram. Odeio essas coisas, mas eles convenceram-me a sair com

este tipo no mês passado, e até agora tem corrido bem. Por isso tínhamos combinado sair os quatro.

— Mirri, se estava envolvida com o Craig, agora é a altura certa para me contar.

— Não tenho nada para contar. Não estou tão desesperada que me fosse atirar a um amigo. — Esfregou a cara com as mãos. — Eu ia telefonar à Lissy, vim para aqui a pensar telefonar-lhe, apesar de terem dito que não podíamos contactar ninguém. Pensei: tenho de fazer isto por ela, a Lissy tem de receber a notícia por uma pessoa amiga. Mas não fui capaz.

Mirri dobrou as pernas, encostou a cara aos joelhos.

— Não fui capaz. Não sabia o que dizer, ou como dizê-lo, e não tive a coragem de tentar.

— Cabe-nos a nós tratar disso.

— O que vão dizer-lhe? — perguntou Mirri, rispidamente. — O que podem dizer a uma pessoa numa situação destas? Ela está à espera de o encontrar em casa quando chegar. E ele não vai lá estar. Nem esta noite, nem nunca mais. O que podem dizer-lhe?

Com um suspiro, Mirri levantou-se.

— A culpa não é sua. Quem me dera que fosse. Quem me dera que a culpa fosse sua, e então eu podia gritar-lhe e enfurecer-me consigo. Pode dizer à Lissy... diga-lhe só que eu sinto muito, e que se puder ajudar, se houver alguma coisa que eu possa fazer... estou aqui.

Lisette Foster era assistente editorial numa pequena editora com escritórios perto do centro da cidade. De acordo com a ficha de identificação a que Peabody acedera, tinha vinte e quatro anos, era originária da Martinica e mudara-se para Nova Iorque para frequentar a Universidade de Columbia. A única mancha no seu registo criminal era uma sentença por ter bebido quando era menor de idade. Ficara em liberdade condicional e realizara serviço comunitário.

A mãe ainda vivia na Martinica. O paradeiro do pai era desconhecido.

— Então — continuou Peabody —, por falar nas ilhas, como foram as tuas férias?

— Foram boas. — Uma semana de sol, praia e sexo. O que poderia ser melhor? — Está a começar a nevar a sério.

— Sim, deve chegar aos dez centímetros. Estás realmente a considerar a mulher dele?

— É a primeira na lista. Os cônjuges são normalmente os primeiros suspeitos.

— Sim, mas recém-casados? Sei que costuma ser difícil, no primeiro ano, uma pessoa adaptar-se e tudo o resto, mas veneno? É traiçoeiro e distante. Quando uma mulher ou um marido estão lixados, costuma ser mais sangrento, mais pessoal.

— Costuma. Se este almoço foi envenenado, de onde veio? O mais provável é ter vindo de casa. A mulher era quem tinha o acesso mais fácil. Mas também é provável que a vítima tenha deixado a lancheira na sala de aula. Que não estava trancada. Ele chega cedo, deixa as suas coisas na sala, vai para o centro desportivo. Mais uma vez, acesso fácil para qualquer um.

— Motivo?

— Para além do teste-surpresa? Ainda não é claro. A propósito, a testemunha, a Rayleen Straffo? É filha do Oliver Straffo.

— Oh, merda! A sério? E a miúda tem chifres e cauda?

— Se os tem, estão bem escondidos. — Eve tamborilou no volante, pensando em Straffo. — Ele pode conseguir muita publicidade com isto, se jogar a carta do papá. Ultraje, preocupação, blá, blá.

— Seria típico dele. Vais ao programa da Nadine esta semana. Podes contrabalançar essa propaganda.

— Nem me lembres disso. Estúpidas amizades. Saem-nos sempre caras.

— És tão sentimental, Dallas.

— Pois, é uma coisa que adoro em mim. — Considerando a neve, e a insanidade dos condutores nova-iorquinos com aquele tempo, Eve virou para um parque de estacionamento a dois quarteirões da morada. — Nem vou tentar estacionar na rua, com esta maldita neve.

— Faz-me bem o exercício. Comi tudo o que me apareceu à frente durante as férias, e de certeza que o McNab me vai oferecer alguma coisa que se pareça com chocolate pelo Dia de São Valentim, por isso tenho de perder peso agora. O que vais comprar ao Roarke?

— Para quando?

— Para o Dia de São Valentim.

— Ainda há cinco minutos lhe comprei o presente de Natal. — Saiu do carro, lembrou-se do cachecol que tinha no bolso do casaco. Tirou-o e enrolou-o ao pescoço.

— Isso foi há dois meses. E é o Dia de *São Valentim*. Dia dos

namorados. Tens de lhe comprar um postal lamechas e um presente sentimental. Já tenho um para o McNab. É uma moldura falante com os nossos nomes gravados. Pus lá uma fotografia nossa, que o pai dele nos tirou pelo Natal. Ele pode pô-la no seu cubículo, lá na Divisão de Deteção Eletrónica. O Roarke havia de gostar duma coisa assim.

— O Roarke sabe como são as nossas caras. — Quando o sinal vermelho caiu, um *minicoupé* travou a fundo, derrapou e ficou atravessado na passadeira. Os peões protestaram e praguejaram.

Eve adorava Nova Iorque.

— Oh, por falar em fotografias, tenho mais uma série delas da Belle. Já foste visitá-la, depois das férias?

— Não. Já pediu tatuagens e *piercings* no umbigo?

— Vá lá, ela é um amor. Tem os olhos do Leonardo e o sorriso da Mavis, e...

— Deus nos ajude se ela herdou também o sentido estético deles, no que toca a roupa.

— Sorri sempre que eu lhe pego ao colo. — Por cima do cachecol e por baixo do gorro de lã, os olhos castanhos de Peabody estavam derretidos. — Dizem que são gases, mas é ela a sorrir-me. Está a ficar tão grande, e...

Enquanto Peabody discorria a respeito da filha recém-nascida de Mavis, Eve escutava a música de Nova Iorque. As buzinas ensurdecedoras, as discussões, o ruído surdo dos dirigíveis publicitários lá em cima. E as vozes, o matraquear das conversas, uma ladainha de queixas.

— Então, o que vais levar-lhe?

— O quê? O que vou levar a quem? Aonde?

— À Belle, Dallas, quando fores visitá-la. O presente.

— Que presente? — Estupefacta, Eve parou no meio do passeio. — Porque tenho de lhe levar um presente?

— Porque sim.

— *Porquê?* Não fiz o *baby shower*, com presentes, e não estive na maternidade?

— Sim, mas quando se visita o bebé em casa pela primeira vez, é tradição...

— Quem inventa essas coisas? — Seriadamente ofendida, Eve enfiou um dedo no casaco felpudo de Peabody. — Exijo saber quem faz estas regras. É de loucos. Diz-me quem inventa isto, e vou enviar essas pessoas para avaliação psiquiátrica.

— Oh, Dallas, só precisas de lhe levar um ursinho de peluche ou uma roca bonita. É divertido fazer compras para bebés.

— O tanas. Sabes o que é divertido? — Eve abriu a porta do prédio de escritórios. — Descobrir quem envenenou um pobre coitado dum professor de História. Essa é a minha ideia de divertimento. Mais uma palavra sobre compras, bebés, cartões lamechas ou Dia de São Valentim, e vais sentir a minha bota pelo traseiro acima, de tal maneira que hás de achar que é a tua língua.

— Uma semana de praia deixou-a de bom humor, tenente — sussurrou Peabody quando o olhar de Eve lhe fritou as camadas superficiais da pele.

Eve girou sobre os calcanhares, dirigiu-se ao balcão de segurança e ergueu o seu distintivo.

— Lissette Foster.

— Só um minuto, por favor. — O guarda examinou minuciosamente o número do distintivo e a identificação. — Sim, tenente, está tudo certo. Lissette Foster... Foster, Foster. Cá está. Blackburn Publishing. Assistente editorial. Eh... fica no nono andar. Têm os elevadores à vossa direita. Desejo-lhes um dia produtivo.

— Pode apostar que vai ser. Originária da Martinica — começou Eve quando entraram num elevador e foram atacadas com uma música calma que entorpecia a mente. — Provavelmente, visto de estudante, ou visto de trabalho, talvez. Casando com um cidadão dos EUA, ficaria com direito de residência permanente. E conservaria este estatuto como viúva.

— Há maneiras mais fáceis de conseguir direito de residência.

— Sim. Mas talvez as coisas não estivessem a correr bem, e o divórcio ao fim de menos de dois anos invalida o estatuto. Talvez aquelas sessões de quarta-feira à noite com a Hallywell não se ficassem pelo estudo. Tens um emprego aqui, queres viver aqui. Há quem mate por menos.

Saíram do elevador para uma pequena área de receção, onde uma mulher estava sentada atrás de um balcão branco. A rececionista tinha um auricular e um grande sorriso afável.

— Boa-tarde! — cumprimentou-as, com um entusiasmo que levou Eve a semicerrar os olhos. — Bem-vindas à Blackburn Publishing. Em que posso ser útil?

— Lissette Foster.

— Com certeza. Vou verificar se a senhora Foster está livre. Podem dizer-me quem quer falar com ela e qual é o assunto?

Eve limitou-se a mostrar novamente o seu distintivo.

— Vamos explicar tudo isso à senhora Foster.

— Oh. — Os olhos da mulher esbugalharam-se ao fixar o distintivo.

— Oh, Deus, com licença. — Girou na cadeira e falou num sussurro para o microfone do auricular. — Lissette Foster. — Pigarreando, lançou um olhar na direção de Eve. — Lissette, está aqui uma pessoa na recepção para falar contigo. É *polícia*. Não sei. Não sei mesmo. Está bem.

Com um sorriso tenso, a mulher voltou-se novamente para Eve.

— Ela vem já. Se quiserem sentar-se...

— Estamos bem de pé.

Eve acabara de desenrolar o seu cachecol quando viu uma mulher aproximar-se, caminhando sobre uns saltos finos como picadores de gelo. Aqueles saltos eram, só por si, indício de alguma insanidade. Os sapatos eram de um vermelho-cereja, e ela combinara-os com um fato cinzento justo. Dentro do fato estava um corpo em excelente forma.

Lissette Foster tinha uma pele luminosa, uns olhos castanho-escuros, amendoados e, de momento, irritados. O cabelo era quase do mesmo tom dos olhos, muito liso, a tocar nos ombros.

Caminhava como quem sabia aonde ia, pensou Eve. Como se tivesse fogo dentro de si. Podia ser raiva, ambição ou paixão, mas era intenso.

— São da Polícia? — perguntou Lissette, num tom enérgico que o sotaque francês tornava exótico.

— Tenente Dallas, inspetora Peabody. Nós...

— Oh, por amor de Deus! Já lhe disse que não voltamos a pôr música alto. Vá. Prendam-me. — Num gesto dramático, estendeu os braços, com os punhos juntos. — Prendam-me por ter música a tocar a um sábado às nove da noite, uma hora indecente. Acorrentem-me e levem-me! Só porque um polícia reformado tem *problemas*, não é razão para me aparecerem no escritório. Ele quer que eu seja despedida?

— Senhora Foster, não estamos aqui por causa da música. Gostávamos de lhe falar em privado. Seria melhor no seu gabinete.

— Gabinete? — Lissette riu-se com vontade. — Sou assistente editorial. Já é uma sorte ter um cubículo. De que se trata?

Eve voltou-se para a mulher na recepção.

— Preciso de uma sala com privacidade. Gabinete, sala de reuniões, sala de convívio, o que quer que seja. Agora.

— Com certeza, com certeza. A sala de reuniões está livre. Podem...

— Ótimo. — Eve virou-se de novo para Lissette. — Vamos.

— De que se trata? Tenho uma reunião com a chefe daqui a... oh, Deus, dez minutos. Ela odeia atrasos. Se acham que conseguem vender uma ideia para um livro a alguém do meu nível, estão a perder o vosso tempo, garanto-vos.

Lisette conduziu-as através de um labirinto de cubículos e corredores estreitos, passando por divisões com janelas minúsculas e escritórios de canto com vistas deslumbrantes.

— Olhem, eu não devia ter falado assim do sargento Kowoski. Talvez a música estivesse demasiado alta. Eu e o meu marido estávamos a divertir-nos, a fingir que tínhamos ido a uma discoteca. Devíamos estar um pouco bêbedos, e a fazer algum barulho. Não quero sarilhos.

Entrou numa sala com uma dúzia de cadeiras em redor de uma mesa grande, com bancadas compridas ao longo das paredes laterais e ecrãs na parede da frente e na do fundo.

— Pode ser uma conversa rápida? Não quero chegar atrasada à minha reunião.

— Gostávamos que se sentasse.

— Isto é ridículo. — Soprando, Lisette afastou uma cadeira da mesa e sentou-se. Depois levantou-se de repente, com um olhar alarmado. — Oh, Deus. Aconteceu alguma coisa à minha mãe? Ela teve algum acidente? *Maman?*

— Não.

Como se dizia a alguém que a pessoa que havia de estar à sua espera em casa não estaria lá nessa noite? Nem em nenhuma outra noite? Dizia-se depressa, sem rodeios, lembrou Eve a si própria.

— Tem que ver com o seu marido, senhora Foster.

— Com o Craig? Ele ainda está na escola.

— Lamento dizer-lhe que o seu marido faleceu.

— Que coisa horrível de se dizer a alguém. Que coisa terrível, cruel de se dizer. Quero-as fora daqui, imediatamente. Vou ligar para a Polícia... para a *verdadeira* Polícia... e certificar-me de que vos prendem.

— Senhora Foster, eu e a minha parceira somos da verdadeira Polícia, e estamos a investigar a morte do seu marido. Ele morreu hoje, por volta das 12h30.

— Claro que não. Não é verdade. Ele estava na escola. Às 12h30, estava na sua hora de almoço, e enviou-me um *e-mail* pouco depois do meio-dia. Eu própria lhe preparei o almoço esta manhã. O Craig está na

escola, na reunião de professores, que se realiza à segunda-feira. E está tudo bem.

A sua respiração tornara-se mais rápida, entrecortada. Subitamente pálida, sentindo as pernas fraquejar, Lissette amparou-se na mesa.

— É melhor sentar-se, senhora Foster — disse Peabody, amavelmente. — Lamentamos muito a sua perda.

— Não. Não. Puseram uma bomba na escola? Oh, meu Deus. Ele está ferido? O Craig está ferido?

— Ele morreu — disse Eve, assertivamente. — Lamento muito.

— Mas ele... Ele... Pode haver um engano. Deve haver um engano. Vou telefonar-lhe. Vão ver. Eu vou telefonar-lhe. Mas ele está na reunião de segunda-feira. Não pode ter o *link* ligado quando está na reunião. Vamos lá. — Levantou a mão da mesa, cambaleou. — Vamos à escola e falamos com o Craig. Preciso do meu casaco. Vou só buscar o meu casaco.

Olhou em volta, confusa.

— Que tola, que tola que eu sou. Esqueci-me de onde estava, por um segundo. Preciso... o que era que eu queria?

— Sente-se, senhora Foster.

— Não, temos de ir. À escola. Temos de... — Sobressaltou-se ao ouvir bater à porta. Uma loura, vestida de um vermelho intenso, entrou na sala.

— Gostava de saber o que se passa aqui. Lissette?

— Elizabeth. — Lissette tinha o olhar aturdido dos sonâmbulos, e dos sobreviventes. — Estou atrasada para a reunião?

— Peabody. — Eve indicou Lissette com o queixo, depois voltou-se para a loura. — Quem é a senhora?

— Elizabeth Blackburn, e quem é você?

— Dallas, tenente, NYPSD<sup>1</sup>. Acabei de informar a senhora Foster de que o seu marido morreu.

— Ele... o quê? Craig. Oh, meu Deus. Lissy.

Talvez tivesse sido o tratamento carinhoso, ou o tom de sofrimento em que o seu nome fora dito, mas quando Elizabeth começou a atravessar a sala, Lissette deixou-se cair. Elizabeth ajoelhou-se e ajudou-a a levantar-se.

---

<sup>1</sup> Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque, do original *New York Police and Security Department*. (N. de T.)

— O Craig. O meu Craig.

— Lamento. Lissy, Lissy, sinto muito. Houve algum acidente? — perguntou Elizabeth.

— Precisamos de falar com a senhora Foster a respeito das circunstâncias da morte do marido.

— Está bem, está bem. O meu gabinete fica à direita, ao fundo do corredor. Levo-a lá quando ela estiver em condições. Deem-lhe uns minutos, por amor de Deus. Esperem no meu gabinete.

Deixaram Lissette nos braços da chefe. Do interior de salas e cubículos, vários olhares curiosos as seguiram, mas nenhum comentário se fez ouvir até chegarem ao gabinete de esquina ao fundo do corredor. Nessa altura, uma morena de pequena estatura saiu de trás da sua secretária como um boneco de mola a saltar de uma caixa.

— Desculpem, esse é o gabinete da senhora Blackburn.

— Foi ela que nos pediu para esperar aqui. — Eve tirou o seu distintivo. — Volte ao seu trabalho.

No interior do gabinete havia uma estação de trabalho reluzente, um sofá com almofadas e duas bonitas cadeiras. Um magnífico arranjo de flores encontrava-se na mesa sob a janela voltada para sul.

— Se ela fingiu aquela reação — começou Peabody —, tem um talento impressionante.

— Não é assim tão difícil de se fingir, quando se pratica. Mas, sim, parecia genuíno. Antes de elas chegarem, vai até lá fora, pede a alguém que te mostre o cubículo da Lissette. Quero saber o que ela lá tem.

— Vou tratar disso.

Eve aproximou-se das janelas, detendo-se o tempo suficiente para ver o que tinha a chefe de Lissette sobre a secretária. Uma fotografia emoldurada de uma rapariga no começo da adolescência, uma pilha de discos, uma pirâmide de blocos de notas e uma pasta que, depois de Eve a abrir, revelou uma imagem para o que seria provavelmente uma capa de um disco.

Do outro lado do vidro, a neve continuava a cair em flocos leves, escorregadios. Um elétrico aéreo roncava através da neve, transportando um punhado de passageiros com ar infeliz.

Pela sua parte, pensou Eve, preferia o trânsito louco das ruas, lá em baixo.

Virou-se para a porta, ouvindo Peabody entrar.

— Não tem grande coisa, nem muito espaço. Pastas, blocos, notas

sobre trabalhos em curso. Uma fotografia de casamento dela e da vítima. Mais algumas fotografias dele, ou dos dois, penduradas nas paredes do cubículo. Ah, e um pequeno dossiê com anúncios e recortes de revistas de decoração. Essencialmente, é isto.

— Está bem. Vamos dar-lhe mais um minuto, e voltamos à sala de reuniões. Quando sairmos daqui, passamos pela morgue. Quero saber exatamente o que matou o Craig Foster.

Não precisaram de esperar um minuto. Ao fim de alguns instantes, Lissette entrou, amparada por Elizabeth Blackburn.

— Agora vais sentar-te — ordenou-lhe Elizabeth. — E eu vou sentar-me contigo. Dei-lhe um calmante — disse a Eve, erguendo o queixo em sinal de desafio, antes que Eve pudesse falar. — E nem pense em reclamar por causa disso. Ela precisava de alguma coisa. Não foi nada de forte e não vai impedi-la de falar consigo.

— É a chefe dela ou a sua representante legal?

— Sou aquilo que ela precisar que eu seja neste momento.

— Têm a certeza? — perguntou Lissette, a voz fraca e rouca, e tomada pela dor, agora que a esperança se desvanecia. — Têm a certeza de que não há um engano? Foi mesmo o Craig?

Conhecendo os seus pontos fortes, Peabody antecipou-se. Dirigiu-se para o sofá onde Lissette estava sentada com Elizabeth. — Lamento muito. Não há engano.

— Mas... O Craig não estava doente. Fizemos exames médicos completos antes de nos casarmos. Ele era saudável. Como é possível que... Alguém lhe fez mal? Houve algum acidente na escola?

— Teremos de descobrir como é que isto aconteceu e porquê. Precisamos de lhe fazer perguntas. Pode ajudar-nos a descobrir o que se passou.

— Eu quero ajudar. Quero saber. Eu amo o Craig.

— Vamos começar por esta manhã. Disse que lhe preparou o almoço.

— Sim. Como sempre. — Lissette pestanejou e esbugalhou os olhos, e a sua mão saltou para agarrar o braço de Peabody. — A sandes fez-lhe mal? Ele gostava daquele horrível sucedâneo de aves. Foi a sandes que o pôs doente? Oh, meu Deus.

— Não sabemos se foi isso, senhora Foster. Esteve alguém no vosso apartamento, antes de o seu marido sair para o trabalho?

— Não. Ele sai tão cedo. Gosta de usar o centro desportivo da

escola. O Craig cuida bem de si. Cuida, sim. Cuidamos bem de nós. Elizabeth.

— Estás a sair-te bem — disse-lhe Elizabeth. — Por quanto tempo vão continuar com isto?

— O seu marido estava a ter problemas com alguém na escola? — perguntou Eve.

— O Craig? Não. Ele adorava a escola.

— E relacionamentos anteriores? Algum de vocês tinha problemas com alguém do vosso passado?

— Namorámos dois anos antes de casarmos. Sabe como é quando conhece alguém e sente que essa pessoa é a tal? Toda a sua vida está ali, naquele minuto. Foi assim connosco.

Eve aproximou-se e sentou-se também, de modo que os seus olhos ficassem ao nível dos de Lissette.

— Se quer ajudar, tem de ser honesta comigo. Completamente honesta. Ele jogava?

— O Craig nem jogava na lotaria. Era cuidadoso com o dinheiro.

— Consumia substâncias ilegais?

Lissette mordeu o lábio.

— Hum, experimentámos Zoner na faculdade. — O seu olhar deslizou para Elizabeth.

— Quem não experimentou? — Elizabeth deu-lhe uma palmadinha no braço.

— Algum consumo recente?

— Não. — Lissette abanou a cabeça. — De modo nenhum. Seria razão para ele perder o emprego. Além disso, o Craig fazia questão de ser um exemplo para os seus alunos.

— Têm tido problemas financeiros?

— Nada de sério. Quero dizer, temos de fazer contas, especialmente porque o Craig quer poupar. Às vezes eu gasto mais do que devia, mas ele é tão cuidadoso que compensa. Gosta de poupar dinheiro para coisas importantes. Ele... no ano passado deu explicações, para ganhar mais. Depois usou esse dinheiro para trazer a minha mãe a Nova Iorque pelo Natal. Sabia o quanto isso representava para mim, por isso usou o dinheiro extra e comprou-lhe um bilhete de vaivém, e pagou-lhe o hotel, porque não temos espaço em casa. Fê-lo por mim. Mais ninguém me vai amar desta maneira. Nunca mais.

Vendo-a novamente à beira das lágrimas, Eve pôs-se de pé.

— Lamento muito a sua perda, e agradeço a sua colaboração neste momento tão difícil. — Palavras inúteis. E não havia outras melhores. — Precisa que contactemos alguém?

— Não. Não. Oh, Deus, os pais do Craig. Tenho de lhes dizer. Como hei de dizer-lhes?

— Podemos encarregar-nos disso.

— Não. Tenho de ser eu. Sou a mulher do Craig. Tenho de ser eu a fazer isto. — Levantou-se, vacilando um pouco. — Preciso de o ver. Não sei onde ele está.

— De momento, está com o nosso médico-legista. Contactamo-la logo que possa vê-lo. Tem alguém que a acompanhe?

— Eu vou com ela. Não, Lissy, vou contigo — insistiu Elizabeth quando Lissette recomeçou a chorar e abanou a cabeça. — Deixa-te estar aqui sentada, enquanto eu vou lá fora acompanhar a tenente Dallas e a inspetora Peabody. Fica aqui, volto num minuto.

Elizabeth saiu para o corredor num passo rápido e decidido, e só parou quando chegaram a uma interseção no labirinto.

— Como é que o Craig foi assassinado?

— Eu não disse que tinha sido.

Voltando-se para Eve, Elizabeth olhou-a nos olhos.

— Eu sei quem é. Mantenho-me a par do que acontece em Nova Iorque. Tenente Eve Dallas, Homicídios.

— Não tenho qualquer informação para divulgar neste momento. A morte do senhor Foster está a ser investigada.

— Tretas. Tudo tretas. Aquela rapariga perdeu o amor da sua vida. Assim! — Elizabeth estalou os dedos. — Ela precisa de respostas.

— E vai tê-las, assim que eu as encontrar. Conhecia-o bem?

— Estive com ele algumas vezes. Vinha cá de vez em quando, e a Lissy levava-o a festas e eventos da empresa. Um rapaz querido. Loucamente apaixonado. Inteligente. Parecia-me muito inteligente, como a Lissy. Duas pessoas brilhantes que estavam apenas a começar a sua vida juntas, as suas carreiras. A tenente também é brilhante, por aquilo que li, ouvi e vi a seu respeito. Encontre as respostas para a Lissy. Algo a que ela se possa agarrar.

— É essa a ideia.